

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS TRINDADE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Leticia dos Santos Silva

Lar - corpos e territórios

Florianópolis

2021

Leticia dos Santos Silva

Lar – corpos e territórios

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo
Orientador: Profª. Dra. Leslie Sedrez Chaves

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Leticia
Lar : corpos e territórios / Leticia Silva ;
orientador, Leslie Sedrez Chaves, 2021.
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. territórios negros. 3. invisibilidade.
4. Florianópolis. I. Sedrez Chaves, Leslie . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Leticia dos Santos Silva

Lar – corpos e territórios

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 06 de maio de 2021.

Profa. Dra. Leslie Sedrez Chaves

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Leslie Sedrez Chaves

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Daisi Vogel

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Fernanda Nascimento

Avaliadora

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que têm suas vidas invisibilizadas por um sistema que insiste em apagar suas histórias e vivências diariamente. Sigamos resistindo e ocupando todos os espaços em que queiramos estar.

AGRADECIMENTOS

Esse texto de agradecimento só existe porque uma lista de nomes importantes acreditou em mim. Em primeiro lugar, o meu muito obrigada à minha orientadora querida, Leslie, que não mediu esforços para me ajudar sempre que precisei, além de topar embarcar nessa jornada comigo. Essa gratidão se estende à figura de outros professores do Departamento de Jornalismo da UFSC, como o Prof. Fernando Crocomo que também foi grande incentivador nessa caminhada.

Às minhas fontes, obrigada pela paciência, tempo e interesse em ajudar a expandir um pouquinho mais a discussão sobre um assunto tão importante, que trata sobre suas vivências pessoais e nossas vivências coletivas, como seres incríveis que somos. Obrigada por toparem dividir um pouco da vida comigo.

Aos meus amigos e amigas mais próximos (quem eu preferi não nominar porque tenho certeza que sabem quem são) eu devo mais do que uma muito obrigada. Por todos os encontros que deixei de ir, pelas mensagens que demorei pra responder, pela atenção que não dei em alguns momentos desses últimos 2 anos decisivos para o desenvolvimento desse trabalho. Vocês foram essenciais e sem sombra de dúvidas pessoas que espero ter por perto pelo resto da vida.

Aos meus pais e outros familiares, obrigada pelo alicerce seguro que vocês me ajudam todos os dias a construir. Sem vocês, esses 4 anos teriam sido muito mais difíceis e dolorosos. Obrigada por acreditarem sempre em mim.

Por último, mas não menos importante, devo minha mais sincera gratidão ao meu companheiro de vida que, além de produzir a identidade visual deste trabalho, foi quem me fez acreditar na minha capacidade de produzir um documentário em meio à pandemia de Covid-19. Amor, obrigada por tudo.

Leandro Roque de Oliveira, um artista que gosto muito e é mais conhecido por Emicida, algumas vezes cantou e disse duas frases que carregarei para a vida: “tudo o que ‘nóis’ tem, é ‘nóis’” e “a existência só faz sentido no encontro”. Ainda bem que encontrei tantas pessoas especiais. Sejam fortes e estejamos unidos, unidas e unides, sempre.

RESUMO

Este resumo apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema a presença da população negra em Florianópolis. Pretende-se, a partir de entrevistas apresentadas em formato de documentário em vídeo, discutir questões relativas às relações étnico-raciais com o olhar voltado para a importância da cultura (como modo de vida e expressão artística), dos territórios negros e do sentimento e sensação de pertencimento dessa população em locais específicos a serem apontados e apresentados no desenvolvimento. Também tem como objetivo desmistificar a ideia de senso comum, existente em muitos lugares do Brasil, de que na região sul, em Santa Catarina e, para esse trabalho, especificamente na capital Florianópolis, todos os habitantes têm um fenótipo semelhante ao de povos europeus. Essa afirmação, portanto, passa uma falsa imagem da cidade, desconsidera a diversidade brasileira, e invisibiliza a existência da população negra que reside e resiste na cidade. Sabendo da existência de populações com etnias distintas, neste trabalho procura-se encontrar e apontar espaços da cidade onde há a celebração cultural de pessoas negras que habitam a cidade de Florianópolis.

Palavras-chave: Jornalismo; Negritude; Cultura; Estereótipos; Florianópolis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CALJ Centro Acadêmico Livre de Jornalismo

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	11
3 PROCESSO DE PRODUÇÃO	13
3.1 PRÉ-APUÇÃO.....	13
3.2 FONTES.....	13
3.3 ROTEIRO E PÓS-PRODUÇÃO.....	15
4 RECURSOS E EQUIPAMENTOS	16
5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	17
REFERÊNCIAS	18
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	19
APÊNDICE B – ROTEIRO DE EDIÇÃO	23
ANEXO A – FICHA DE TCC	42
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE.....	43

1 INTRODUÇÃO

A produção deste documentário como Trabalho de Conclusão de Curso foi pensada pela possibilidade de propor uma discussão sobre as questões raciais na cidade de Florianópolis que ultrapassasse a formalidade da produção de conhecimento na academia, sem ignorar sua importância, mas que dessa forma, se tornasse mais acessível.

Em Florianópolis, pouco se sabe sobre a presença da população negra que, inegavelmente, teve e tem um papel essencial na construção da cidade. De acordo com a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “Brasil 500 anos”¹, em 1870, mais de 6 milhões de habitantes brasileiros eram pretos e pardos. Representando pouco mais de 60% da população da época, esse número era resultado da crescente presença de mulheres e homens escravizados, trazidos do continente africano para o Brasil. No entanto, esse cenário começou a se modificar com o processo de miscigenação, que, de acordo com estudos científicos e autores como Célia Maria M. Azevedo, em “Onda negra, medo branco” (1987), foi uma tentativa de branqueamento da população, ou ainda, uma purificação racial já que em meados dos anos 1860, figuras políticas do Brasil, consideravam a trazida de norte-americanos para a substituição de negros e negras escravizados.

Dessa forma e com o passar dos anos, a ideia de superioridade do branco sob o negro, foi se consolidando no país, formando assim, uma conjuntura de invisibilidade e apagamento que perdura até os dias atuais. Além dessas condições, a desigualdade social entre raças e etnias acabou por delimitar, inclusive, os espaços habitados e de circulação da população negra, ferindo o direito à cidade e ao espaço público. Com todo esse cenário, as manifestações culturais construídas através desse mesmo processo de miscigenação, passaram também a sofrer opressões.

Assim, sucedeu-se um grande abismo da autoidentificação das pessoas como parte integrante da população negra no Brasil, devido a toda intolerância e preconceito que sofriam e sofrem na sociedade. Além disso, no contexto em que as pessoas escravizadas chegavam ao Brasil principalmente através de portos na região Nordeste do país, e posteriormente o incentivo à vinda de imigrantes alemães e italianos, que acabaram se dirigindo em número significativo aos estados do Sul, criou-se, através do senso comum, a ideia de que na região não existiam, ou não era significativa, a presença de pessoas negras.

Contudo, no estudo sobre invisibilidade e segregação da população negra em Santa Catarina, a pesquisadora Ilka Boaventura Leite, explicita a contradição dessa afirmação que, desde o século XVIII, é feita por outros autores. Onde há o questionamento, por exemplo:

1 População negra no Brasil , Brasil 500 anos - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE; Disponível em: [IBGE | Brasil: 500 anos de povoamento | território brasileiro e povoamento | negros | população negra no Brasil](#)

A premissa da insignificância numérica está atada à das relações pouco hierarquizadas, ao mito da democracia racial. A ideia de “escravo, porém bem tratado”. [...] O fato de ter dependido de 10 ao invés de 100 escravos alteraria o teor das relações entre senhores e escravos e o tipo de racismo? A diferença estaria entre ter 1 ou 10 escravos?” (BOAVENTURA, 1996, p. 48).

Ainda de acordo com Ilka, é preciso considerar que a quantidade de pessoas negras em Santa Catarina não foi insignificante ao levar em consideração a dependência da mão de obra escrava. Em Florianópolis, por exemplo, as armações baleeiras eram locais onde se encontravam a maior parte de pessoas escravizadas da região.

Nos dias atuais, a capital de Santa Catarina, de acordo com o último Censo Demográfico (2010) do IBGE, tem 14,69% da população autodeclarada preta ou parda. Ao levar em consideração o total de habitantes, que nesse mesmo ano, era de 421.240, esses pouco mais de 14% representam mais de 60 mil pessoas. É imprescindível, dessa forma, que encontremos esses corpos circulando por todos os espaços da cidade, o que na realidade, não acontece.

A partir dessa reflexão e com as últimas pesquisas divulgadas pelo próprio IBGE e publicadas (em partes) por veículos jornalísticos como G1² e UOL³, no período entre 2012 e 2018, fica explícito que a porcentagem de pessoas autodeclaradas pretas e pardas no país, cresceu.

Dessa maneira, esse trabalho busca evidenciar a importância das manifestações culturais por parte da população negra, no aumento desse indicativo. Igualmente, pretende-se promover reflexões sobre a construção do estereótipo de que na região Sul do país, especificamente Florianópolis, só existe a presença de pessoas com o fenótipo semelhante à sociedade europeia.

2 JUSTIFICATIVA

O jornalismo é a informação. Em essência, o único objetivo concreto de qualquer produção jornalística, é divulgar informações, sejam elas escritas, faladas ou apresentadas por imagem e som, como é o caso das produções audiovisuais. Comumente identificada através de classificações em gêneros como opinativo, informativo, interpretativo e de entretenimento, a linguagem jornalística se torna ainda mais abrangente, se estendendo e, por vezes, quase sendo

²Em sete anos, aumenta em 32% a população que se declara preta no Brasil – Portal G1, Globo; Disponível em: [Em sete anos, aumenta em 32% a população que se declara preta no Brasil | Economia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2019/05/22/em-sete-anos-aumenta-em-32-a-populacao-que-se-declara-preta-no-brasil-economia-g1-globo.com)

³Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país, diz IBGE – Cotidiano UOL; Disponível em: [Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país, diz IBGE - 22/05/2019 - UOL Notícias](https://www.uol.com.br/cotidiano/2019/05/22/numero-de-brasileiros-que-se-declaram-pretos-cresce-no-pais-diz-ibge-22/05/2019-uol-noticias)

confundida com a literatura e o cinema, por exemplo. Nesse último caso, podemos apontar algumas reflexões sobre as produções audiovisuais e que dizem respeito às diferenças entre um filme cinematográfico do estudo de Cristina Teixeira Vieira de Melo:

“Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é que aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem (2002, p. 26).”

A escolha do formato de documentário em vídeo se deu por preferência pessoal já que, além de experiências anteriores e aproximação com esse tipo de produção, a narrativa foi se construindo com o andamento das entrevistas, para além do roteiro previamente elaborado. E este, ainda que se assemelhe a produção de grande-reportagem, o estilo que também tem como objetivo o aprofundamento em assunto específico, se difere em permitir que a produção escolha os rumos e o recorte narrativo de acordo com sua própria subjetividade.

O contato com o estudo do jornalismo através da imagem (estática ou em movimento), ainda na segunda fase da graduação, o interesse em tais maneiras de exercer o trabalho jornalístico, também resultou numa maior facilidade com a produção desse tipo de material.

O objetivo desse trabalho era encontrar fontes que, através de suas próprias histórias e pesquisas, pudessem chamar atenção para um assunto que, mesmo 500 anos após a chegada dos colonizadores europeus ao território brasileiro, ainda se faz tão importante. Minha vivência pessoal também é traduzida por essas pessoas, pois, como disse a professora e pesquisadora Joana Célia dos Passos, em sua passagem final por este trabalho: “não há um objeto de pesquisa quando estudamos ou tratamos desses assuntos”. Eles perpassam nossas vidas, são tudo aquilo que somos.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 PRÉ-APURAÇÃO

No segundo semestre de 2019, na disciplina de Planejamento de TCC, que as pesquisas começaram a tomar o caminho que resultaria em tudo o que aqui apresento. Até aquele momento, minha única certeza era a vontade de produzir um trabalho com formato audiovisual por acreditar fortemente no poder da imagem e do som de conseguirem, em conjunto, alcançar ainda mais pessoas e difundir histórias e reflexões.

O recorte de abordagem do assunto veio a se solidificar depois de conhecer as obras “Negro no Sul do Brasil – Invisibilidade e Territorialidade”, organizado pela professora do Departamento de Antropologia da UFSC, Ilka Boaventura Leite (1996) e “Territórios Negros em Florianópolis”, da mestra em geografia Azânia Mahin Romão Nogueira (2018). Além destas duas leituras, essenciais para a construção deste trabalho, busquei bibliografias que esclarecessem melhor a história das pessoas negras escravizadas que viveram para a então Ilha do Desterro, destacando daí aspectos culturais como religião e cultura artística.

No semestre seguinte, 2020.1, as pesquisas foram suspensas devido à incidência da pandemia de Covid-19. A incerteza sobre o futuro e o semestre suspenso fez com que eu retomasse o trabalho apenas em agosto de 2020, pouco antes do início do semestre letivo. Nesse momento, retomei as leituras iniciadas no ano anterior e busquei por mais notícias, reportagens e documentos que tratassem sobre a questão da territorialidade e presença da população negra na cidade. Procurei materiais que retratassem também a realidade das populações quilombolas e das armações baleeiras, que eram comuns na região.

3.2 FONTES

Com a retomada do trabalho de apuração, chegou o momento de procura de possíveis fontes que aceitassem fazer parte da construção dessa narrativa. Durante mais esse processo, procurei diversificar ao máximo as participações quanto às suas funções, os papéis que exercem na sociedade, tendo sempre como preferência entrevistar pessoas que se auto identificam como negras além de buscar lugares de falas diferentes, para que o trabalho se tornasse o mais abrangente possível.

Nessa etapa, colegas e minha orientadora indicaram e/ou sugeriram nomes. Para garantir que houvesse pluralidade, cheguei primeiro às pessoas que são conhecidas no meio acadêmico com produções sobre a questão racial no sul do Brasil e mais especificamente em Santa Catarina e Florianópolis. São elas:

- Ilka Boaventura Leite: Professora do Departamento de Antropologia da UFSC, pesquisadora das questões raciais e organizadora do livro “Negros no Sul do Brasil – Invisibilidade e Territorialidade”;
- Joana Célia dos Passos: Professora do Departamento de Pedagogia da UFSC, pesquisadoras das questões raciais;
- Azânia Mahin Romão Nogueira: Mestre em Geografia pela UFSC, militante e ativista de movimentos negros da cidade de Florianópolis e autora do trabalho “Territórios Negros em Florianópolis”.
- Nathália Dothlin Reis: Mestre em Antropologia Social pela UFSC, especialista em estudos de relações de gênero e das populações afro-brasileiras.

Tendo construído uma boa base com as pesquisadoras citadas, parti para a procura do que para mim, deixaria o resultado do trabalho ainda mais humanizado: o relato das pessoas “comuns”, que vivenciam e experienciam a cidade de forma diferente, desempenhando outras funções e com outras bagagens e interpretações sobre o assunto. Nesse momento, a indicação por parte de colegas do curso foi essencial. Através do grupo do CALJ no *Facebook*, também consegui alcançar outras pessoas. Conversei com:

- Lucas Rodrigues Menezes, conhecido como Lucas DaEni: Estudante de pedagogia, MC nas Batalhas da Alfândega e da Costeira e do Sarau da Costeira, natural do interior de São Paulo e morador de Florianópolis desde 2016;
- Caroline Mara Maier: Estudante de pós-graduação em administração, membro da escola de samba Embaixada Copa Lord;
- Ari de Freitas Cunha: Aposentado, membro da comissão de Velha Guarda da escola de samba Embaixada Copa Lord;
- Luciana Varella: Moradora de um dos territórios negros de Florianópolis, o morro do Monte Serrat e cantora;

Com as medidas de restrição para combate à pandemia de Covid-19 em vigor e minha volta para a cidade natal, São Bernardo do Campo, em São Paulo, todas as entrevistas foram feitas através de plataformas *on-line* que permitiam a realização da entrevista por videochamada e a gravação das mesmas. As duas plataformas utilizadas foram *Zoom* e *Google Meet*.

3.3 ROTEIRO E PÓS-PRODUÇÃO

Após o período de entrevistas, que durou aproximadamente 2 meses - entre o final de setembro e início de dezembro de 2020, dei início à construção do roteiro que formaria a

narrativa do documentário. O primeiro passo desse processo foi decupar todas as entrevistas realizadas, que no total, somaram oito horas. Com todo esse material em mãos, o passo número dois foi tentar selecionar o que considerei imprescindível de estar no trabalho e a partir daí, tentar encaixar as falas de cada entrevistado.

Recuperei alguns dados para complementar as informações passadas pelos personagens e escrevi a parte que seria narrada por mim para também fazer a ponte entre as falas. Nesse momento, percebi a necessidade de separar o vídeo em blocos para que os assuntos tratados não se misturassem a ponto de confundir o telespectador. No fim, a estrutura ficou:

- Abertura: Texto autoral com inspiração nos *slam's* (evento que reúne *mc's* e poetas para recitação de versos e poemas ao ar livre);
- Introdução: Texto narrado e escrito por mim com dados sobre Florianópolis e um contexto da situação populacional das pessoas negras na cidade;
- Bloco 01: Onde estão?;
- Bloco 02: Territórios Negros;
- Bloco 03: Cultura e Pertencimento;
- Bloco 04: Resistência;

Com esse passo finalizado, era hora de colocar todos os arquivos de áudio e imagem no *software* de edição *Adobe Premiere Pro CC*, o qual tive o primeiro contato ainda nas fases iniciais do curso de jornalismo. Por já atuar no mercado profissional com a edição de conteúdo audiovisual, essa foi a etapa na qual tive menor dificuldade. Depois de cortar os arquivos de vídeo dos entrevistados, gravei e encaixei a narração e imagens restantes. A trilha sonora foi extraída de sites com a permissão do uso livre, para qualquer finalidade (uso pessoal ou comercial) sem a necessidade de atribuição.

Os áudios narrados por mim, foram regravados algumas vezes e passaram por uma avaliação da minha orientadora Leslie Chaves, que tem muito conhecimento com a área de rádio e por isso, conseguiu me ajudar a extrair o melhor resultado que eu poderia ter dado.

A identidade visual criada exclusivamente para esse trabalho, contou com grande auxílio do designer Guilherme Souza Oliveira que, também é muito ligado à pauta desenvolvida nesse trabalho. Juntos, tivemos algumas reuniões por videochamada para decidir e optar pelas opções que trouxessem mais conforto para o telespectador e transmitissem a mensagem que eu desejava que fosse transmitida com este trabalho.

4 RECURSOS E EQUIPAMENTOS

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados apenas equipamentos próprios e custeados por mim. O celular que usei para gravar as imagens, feitas principalmente no centro da cidade de Florianópolis, foi adquirido pouco antes das gravações, porém não especificamente para isso. A ajuda de colegas nas filmagens, não foram cobradas, apenas custeei o deslocamento, que foi feito de maneira muito restrita (devido aos protocolos de segurança sanitária) e mais cuidadosa possível.

A utilização dos *softwares* de criação e edição *Adobe Premiere* e *Adobe Illustrator* foi possível pelo empréstimo de um usuário e senha por um colega que já assinava os programas com licenças originais da *Adobe*.

Item	Quantidade	Valor
Notebook Samsung	1	R\$2.500,00
Smartphone iPhone Xr	1	R\$ 3.400,00
Deslocamentos Ida e Volta4 Centro - Trindade		R\$60,00
Licença mensal <i>Adobe</i> <i>Premiere</i>	6	Emprestada

5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Lar – corpos e territórios é um trabalho que surge de muito esforço físico e mental. Desde que descobri, na metade da graduação, o meu apreço e (des)conforto em pesquisar sobre o que se refere a vida da população negra no mundo e especialmente no Brasil, soube que não haveria como concluir o curso retratando outro assunto.

De longe, este foi o trabalho mais difícil que realizei nesses quase 5 anos como estudante de jornalismo. No início, confesso, achei que seria o contrário, afinal tudo o que desenvolvi aqui não foi realizado pela primeira vez. Analisando através de outro ponto de vista, e talvez de maneira até contraditória com o que foi dito na frase anterior, foi a primeira vez para muitas outras situações.

A pandemia do novo coronavírus, que assola o mundo desde o final de 2019, impactou a vida de todos nós e com certeza, o processo de produção de um trabalho tão importante não teria o caminho usual. Seguindo o protocolo de segurança, todas as entrevistas foram feitas totalmente on-line. O avanço tecnológico que vivemos, felizmente permitiu que o meu trabalho pudesse ser realizado mesmo em meio a todo esse caos. Por outro lado, infelizmente a pandemia de Covid-19 me tirou a oportunidade de criar uma relação mais próxima, mais íntima com as fontes, principalmente aquelas que não eram professoras, mestras ou pesquisadoras. Como eu faria com que pessoas se sentissem à vontade e seguras para expor suas visões e vivências através de uma câmera no celular ou no computador? A internet seria de fácil acesso para todas essas pessoas? Todas elas conseguiriam acessar algum desses equipamentos que nos permitiria essa troca? Foram muitas as inseguranças. Durante o processo de apuração de fontes, inclusive, recebi a negativa de fontes que não se sentiram à vontade para conversar sobre um assunto tão pessoal pela internet.

Com certeza construir uma relação de confiança com alguém que você só conhece pela tela do computador é muito difícil. Em muitas disciplinas, ouvi de colegas e professores que fugir dos encontros virtuais era um dos ingredientes das receitas de sucesso do trabalho jornalístico. Continuo acreditando que realmente é. Infelizmente, muita coisa se perde sem o contato físico, próximo das pessoas. Por outro lado, essa crise sanitária assustadora evidencia, cada dia mais, a importância da continuidade deste tipo de trabalho. Sendo realizado da melhor maneira, com aquilo que estiver ao nosso alcance e é com essa certeza que entrego esse minidocumentário.

REFERÊNCIAS

ARMAÇÕES: Dilson Branco, Rafael Carvalho. Florianópolis. 2004. 1 vídeo (36min44seg). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=l_9Ln_F9y-8. Acesso em: 18 de abril de 2021.

AZEVEDO, C. M. M. DE. Onda negra medo branco: O negro no imaginário das elites - século XIX. Coleção Oficinas da História. 6 vol. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1987.

CIDADÃO invisível: Alexandra Alencar. Florianópolis. 2006. 1 vídeo (24min16seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nzJBbwWHeQ&t=31s>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

DEBUS, E., PASSOS, J. C. DOS. Resistências e re-existências: desenvolvimento e cultura afro-brasileira na região sul. 1. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: Atilênde, 2018.

LEITE, I. B. Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade. 1. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

REVOLUÇÃO silenciosa: Lucas Krupacz. Florianópolis. TV UFSC: 2018. 1 vídeo (27min31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iOONej-Gpy0>. Acesso em: 04 de outubro de 2020.

SPINELLI, E. M. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e Internet. RevistaAlterjor,[S.l.], v.6,n.2, p.1-15, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269>. Acesso em: 6 abril 2021.

MELO, C. T. V. De O documentário como gênero audiovisual. p.26, Comun. Inf., v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan./dez. 2002.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO DE PERGUNTAS

PERGUNTAS GERAIS

Breve apresentação (nome, idade, local de nascimento)

- Há quanto tempo está na cidade? (Caso não seja natural de Florianópolis)
- No bairro em que você mora, tem muitas pessoas negras?
- Em tempos normais, quais lugares você costuma frequentar? Você vê pessoas negras circulando por esses lugares? São muitas?
- Você acredita que existem espaços na cidade onde pessoas negras não são bem-vind@s?
- Já percebeu ser a única pessoa negra em algum lugar?
- Você já se sentiu intimidad@ por funcionários, seguranças ou frequentadores de algum lugar?
- Você alguma vez, já ouviu o termo território negro? Se sim, o que entende por território negro? Frequenta algum? Qual a importância dele pra você?
- Você se considera uma pessoa racializada? Quando começou a surgir a necessidade de discutir sobre esses assuntos?
- O que é cultura pra você? Você acredita que ela contribui com a auto identificação como pessoa negra? Que elementos você acredita que te fazem se identificar como pessoa negra?
- Você se sente confortável em todos os espaços da cidade? Inclusive aqueles que não são frequentados por maioria de população negra?
- O que você acha da afirmação ‘não existem negros em Florianópolis’?
- De que maneira acredita que as pessoas negras podem reivindicar seu direito de circular livremente por qualquer espaço da cidade?

PERGUNTAS INDIVIDUAIS

Profª Ilka

Breve apresentação com local de nascimento, trajetória de vida e na academia etc.

Em estudos raciais: como começou, quais foram e são as maiores dificuldades em tratar desses assuntos, sentiu alguma reação de colegas docentes

- Na transmissão que participou no dia 11, você iniciou sua fala contando que quando chegou em Florianópolis, em 1986, foi provocada por colegas da Universidade perguntando o que você faria aqui na cidade já que não existem pessoas negras. Como foi pra você? Foi sua maior motivação para iniciar sua trajetória de pesquisa aqui no Sul?
- Sobre o seu trabalho ‘Negros no Sul do Brasil’: como foi iniciar essa pesquisa? Conseguir esses dados, na época, foi difícil? Os/as pesquisadores(as) relataram alguma dificuldade parecida com as que você teve?
- Como você entende o conceito de invisibilidade?
- E territorialidade?
- Gostaria de saber um pouco mais sobre o que você também comenta nesse trabalho sobre pesquisadores que por um lado afirmam que algumas atividades quase nada dependiam de mão-de-obra escrava, e nas entrelinhas, se contradiziam.
- Acredita que desde a data de publicação deste trabalho, esse cenário de escassez nos trabalhos científicos acerca do assunto tenha mudado no estado?
- Como você enxerga o papel da branquitude nessas discussões?
- Qual a relação entre invisibilidade e territorialidade?
- Qual a importância da existência de territórios negros (geográfica e socialmente) para a quebra desse estereótipo de que no Sul, especificamente em Florianópolis, não existem pessoas negras?

Profª Joana

- Confirmar local de nascimento e há quanto tempo está em Florianópolis, caso não seja natural da cidade.
- Como/quando começou a estudar, questões raciais? Desde a graduação em pedagogia, antes, depois?
- Na nossa entrevista para a série ‘Com Ciência Negra’, você me contou de um levantamento que apontava, dentre os mais de 2.500 docentes da UFSC, nos 5 campus, menos de 50 dessas pessoas são negras. Como você entende/enxerga o cenário acadêmico para professores/pesquisadores negros?
- Acredita que esse cenário seja diferente (melhor ou pior) em outras universidades públicas e/ou privadas por onde já passou?
- Você já passou por alguma dificuldade em suas pesquisas?
- No ano de 2000, a professora entrou para o NEN (Núcleo de Estudos Negros) que faz parte do Movimento Negro de Santa Catarina. Como acontece esse contato com as comunidades negras de Florianópolis?

- A partir de quais critérios um espaço (geográfico ou social) pode ser considerado como comunidade negra?
- A professora tem diversas pesquisas e projetos de extensão voltados para questão da cultura afro-catarinense. Histórica e cotidianamente falando, que elementos culturais você considera (a partir desses estudos) mais populares entre os moradores da ilha?
- Você acredita que a Universidade pode ser aliada nessa difusão da história cultural afro-catarinense? Se sim, de que maneira?
- Em 2017 a professora foi organizadora do III COPENE SUL e, na apresentação do livro que reúne as pesquisas apresentadas no evento, você fala sobre resistências e re-existências da população negra na região. Gostaria que falasse um pouco sobre isso, especificamente em Florianópolis, a partir de sua vivência pessoal e acadêmica.

Azânia Mahin

- Como e quando iniciou os estudos sobre questões raciais?
- Você acredita que o mito da democracia racial ainda é uma barreira para discutir questões raciais no Brasil, e principalmente em Santa Catarina/Florianópolis?
- Na apresentação do seu trabalho de mestrado você cita um autor, o David Harvey, que afirma que classe é a diferença social universalizador sem considerar que o poder não é binário. Poderia explicar um pouco sobre?
- Para além das definições de autores que trouxe nesse trabalho, o que pra você pode ser considerado um território negro?
- Você concorda com o conceito de território associado como sinônimo de povo?
- Qual a maior dificuldade em caracterizar um espaço como sendo um território negro?
- Na sua visão, quanto a cultura contribui para a construção de um território negro?
- Nesse trabalho você fala também sobre três ondas teóricas que tratam sobre a reprodução da desigualdade entre os grupos raciais no Brasil. Qual delas você considera mais significativa para a construção do seu argumento do que é território?
- Você considera que território é resistência?
- Como entende a invisibilidade de territórios?
- Acredita que a divisão feita por distritos tem a ver com essa questão de invisibilidade? No sentido de camuflar essa desigualdade racial em Florianópolis?

Nathália Dothlin

- O que despertou teu interesse em estudar as relações raciais, os quilombos?
- Como foi começar esses estudos? Você teve alguma dificuldade?
- Os seus trabalhos foram voltados para questões de gênero e liderança de mulheres em comunidades quilombolas. Eu gostaria de entender um pouco melhor sobre isso. (A

partir desse trabalho, quais foram as suas constatações, quais as problemáticas envolvidas nessas relações, como você enxerga tudo isso, inclusive de forma pessoal)

Luciana Varella

- Há quanto tempo você é cantora? Como foi esse início?
- Você já passou por alguma dificuldade sendo uma mulher negra no meio musical?
- Como é a sua relação com outros moradores do seu bairro?
- Existe alguma associação de moradores? Você participa?

Lucas Rodrigues Menezes

- Você se relaciona com pessoas do seu bairro? Você consegue identificar a presença de maioria negra ou branca?
- Quais batalhas você frequenta/participa? Como você chegou nesses lugares?
- Acredita que existe alguma diferença entre elas?
- O que estar ou participar das batalhas significa pra você?

Ari de Freitas Cunha

- Como você conheceu a Embaixada Copa Lord?
- Há quanto tempo frequenta/ é membro da escola?
- Na escola, a maioria dos membros, são pessoas negras? E outros frequentadores?
- Quais funções já desempenhou?
- O que a escola de samba representa pra você?
- Você acredita que a escola é um espaço importante para as pessoas negras? Por quê?

Caroline Mara Maier

- Você já mudou de bairro alguma vez? Em qualquer um dos casos, você consegue identificar a presença de pessoas negras nesse(s) lugar(es)?
- Se sim, como você acha que é a relação entre essas pessoas, em específico?
- Como você conheceu e quando você começou a participar da escola de samba Embaixada Copa Lord?
- Qual é a sua atual ocupação lá?
- O que estar na escola representa pra você?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE EDIÇÃO

IMAGENS DE COMERCIAIS/
MANCHETES NA INTERNET/
PROPAGANDAS TURÍSTICAS DE
FLORIANÓPOLIS

Uma vez eu ouvi do Leandro
Que tudo o que “nóis” tem,
É “nóis”.
Essa frase ecoou nos meus pensamentos,
Ainda ecoa,
Faz muito tempo
E por isso
Eu quis descobrir
Onde é que está a nossa gente
Nessa cidade onde me parece
Que preto é indigente.
Ilha do Desterro
No contorno do mar e também continental
Suas ruas, arquiteturas,
Cultura
Têm sangue de pele escura
Como Antonieta de Barros
E Cruz e Souza
Digo em alto e bom som
Objetivamente
Mesmo que não gostem
Ou não assumam
Florianópolis.
Também.
É.
Lugar.
De preto.
SOBE SOM DE ABERTURA
[ABERTURA]
São mais de 40 praias. Morros cobertos de
vegetação verde. Parques, praças, lagoas, dunas e
paisagens exuberantes.

<p>IMAGEM DO CENTRO COM O FUNDO DESFOCADO E AS INFORMAÇÕES EM <i>LETTERING</i></p> <p>ABERTURA DE BLOCO -----</p> <p>IMAGENS DE ARQUIVO</p> <p>IMAGENS DOCUMENTÁRIO “ARMAÇÕES”</p> <p>IMAGENS ARMAÇÃO MARIA</p> <p>ENTREV_ILKABOAVENTURA</p> <p>DI: 48’56’’</p> <p>DF: 49’53’’</p>	<p>A primeira cidade fora do eixo Rio-São Paulo com um dos melhores índices de desenvolvimento humano no Brasil.</p> <p>Um pedaço da Europa na região Sul.</p> <p>Com uma população de quase meio milhão de habitantes, Florianópolis é a capital mais branca dentro do menor Estado, em território, do país.</p> <p>E talvez a gente parasse por aqui. Talvez essa informação fosse argumento suficiente se...</p> <p>De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, mais de 60 mil pessoas se autodeclararam pretas ou pardas na capital de Santa Catarina.</p> <p>Há algum tempo, a bolha das ações afirmativas -as políticas que auxiliam estudantes negros, indígenas e pobres a ingressarem na universidade, estourou.</p> <p>São 421 mil 240 habitantes em Florianópolis. Se 61 mil e 880 deles se autodeclararam pretos ou pardos, chegamos a um número de 14,69 % da população. Por que não os encontramos em todos os espaços da cidade?</p> <p>ENTRADA DE BLOCO 01: ONDE ESTÃO?</p> <p>A história conhecida de Florianópolis, é contada do ponto de vista açoriano, português, branco, europeu. Pouco se fala e se conhece sobre as armações baleeiras na cidade, por exemplo.</p> <p>As armações, foram locais de abate das baleias que em alguma temporada, passavam pelos mares da cidade. O abate era feito para a retirada do óleo que posteriormente serviria para a iluminação pública e na construção de casas.</p> <p>A armação que existiu até o final dos anos 60, na Ilha, estava localizada em uma praia bastante conhecida, a Armação do Pântano do Sul.</p> <p>SONORA ILKA BOAVENTURA LEITE</p> <p>“Os historiadores dizem assim: como não havia um grande sistema voltado para exportação, que utilizava a mão de obra escrava, então a presença negra não era significativa. Mas quando você vai olhar as estatísticas, você vai ver que cada pessoa,</p>
--	---

<p>ENTREV_JOANACELIA</p>	<p>cada pequeno agricultor tinha um escravo, tinha dois escravos, tinha três escravos, entende? Então você vai ver o número de população numa certa época aqui em Florianópolis por exemplo, em que, por exemplo, um historiador como o Walter Piazza que vai dizer que o negro era insignificante porque não tinha um grande sistema escravista, você vai ver a estatística e ver que existiam cinco africanos pra cada branco. Entende?”</p>
<p>DI: 49’15’’</p>	<p>SONORA JOANA PASSOS</p>
<p>DF: ETREV_AZANIAMAHI</p>	<p>“Bom, é, primeiro dizer assim, a história da Ilha, Florianópolis, Desterro, ela ainda precisa ser muito contada do ponto de vista de negros e indígenas. Ela tem, grande parte do que é produzido nesse lugar tem como predomínio a hegemonia açoriana.”</p>
<p>DI: 20:50</p>	<p>SONORA AZÂNIA MAHIN</p>
<p>DF:</p>	<p>“Com certeza eu acho que a gente ainda está num processo de denunciar o mito porque a nossa sociedade, se a gente vai pra especialmente pro discurso mais comum, a ideia do mito racial, da democracia racial, ele é muito forte. A gente ainda tem que convencer as pessoas de que o racismo existe então é porque a gente vive ainda de fato o mito de uma democracia racial. Eu acho que a gente ainda tá denunciando o mito, algo que o movimento negro faz desde a década de 50, mas não é algo que a gente pode ainda como população se olhar nos olhos e falar: não, de fato, a gente vive em uma sociedade desigual, não é uma democracia o que nós vivemos.”</p>
<p>ABERTURA DE BLOCO-----</p>	<p>A historiografia da cidade e o discurso violento de que a presença da população negra é inexpressiva ou até inexistente, faz com que nem todas os habitantes de Florianópolis conheçam espaços e territórios negros importantes.</p>
<p>ENTREV_LUCASDAENI</p>	<p>Lugares que são terras e corpos e a todo momento têm que se reafirmar, impor e resistir nessa contra narrativa hegemônica.</p>

<p>DI: 20:30</p> <p>DF:</p> <p>ENTREV_ILKABOAVENTURA</p> <p>DI: 17'41''</p> <p>DF: 20'20''</p>	<p>ENTRADA DO BLOCO 02: TERRITÓRIOS NEGROS</p> <p>SONORA LUCAS DAENI</p> <p>“... Não dá pra dissociar, separar a terra do espírito e do nosso corpo. Então o que eu entendi desse conceito de território negro, que a Azânia coloca muito bem, é que também não é uma construção binária né, aquela coisa ou é ou não é, se não é território negro é território branco. Não, mas é a questão da disputa constante do espaço né, e aí, eu, particularmente, encaro Florianópolis como um território negro.</p> <p>Eu gosto até de chamar de, não de Ilha da Magia, mas de ilha da mandinga e não no sentido pejorativo que usam a palavra mandinga né, mas no sentido de nossa magia, nossa disputa.</p> <p>Eu li um livro muito interessante que se chama história diversa, diversa no sentido de divergir da história oficial né, diversa porque inclui a diversidade da população local, e meu, o cara percebe que assim óh, a quantidade de manifestações culturais, quantidade de o tamanho da presença negra em Florianópolis né, a história negra em Florianópolis né, o quão grande e invisibilizada ela é né”</p> <p>SONORA ILKA BOAVENTURA</p> <p>Então, de fato a ideia de invisibilidade, ela faz um par importante com território porque a princípio, o invisível é aquilo que não está visível aos olhos, não é? O conceito dicionarizado, vamos dizer assim, o invisível é aquilo que não se vê. Mas existe um conceito que eu mencionei também nesse debate que é essa falta de percepção que é parte da ideologia da brancura, da branquitude que é a normalização, que é a tomada de uma posição do branco como sendo normal. Essa normalização do branco, essa universalização da ideia do normal e do universal como sendo branco, evidentemente</p>
--	--

	<p>que ele constrói uma percepção do sujeito, de que o negro é exceção, tanto é que a gente não chama os brancos de étnicos. A gente não chama os brancos de raça. A gente só chama os de raça e de étnicos os negros e a população negra né.</p> <p>No caso do Sul do Brasil, no caso de Santa Catarina, nós estamos falando também, não só dessa ideologia da brancura que produz o branco como normal e universaliza esse sujeito, mas também como uma ideologia construída historicamente por não reconhecer a presença histórica, a contribuição histórica e o papel de sujeito histórico da população negra na construção da região sul.”</p>
<p>ENTREV_DADAVARELLA</p> <p>DI: 06'00''</p>	
<p>DF: 08'05''</p>	<p>SONORA DÁDA VARELLA</p> <p>“... No morro, tudo é muito complicado porque quando tu nasce negra de comunidade tu já sabe que os preconceitos vão ser uma das coisas mais fortes que tu vai enfrentar na vida. Uma vez em uma outra entrevista eu falei que a mulher negra de comunidade, ela sai de casa com lágrimas nos olhos mas sempre leva um sorriso no olhar para que ninguém se esqueça de onde é que ela veio e o tamanho da garra que ela tem.</p> <p>E a mulher negra que não se defende como negra e protagonista da vida que ela tem hoje, é porque, com certeza, ela nunca sentiu nenhum tipo de dor ou chibatada que os antepassados sentiram. Porque todos os direitos que os negros têm hoje, negros antes de nós é que buscaram por isso.</p>
<p>ENTREV_NATHALIADOTHLIN</p> <p>DI: 21'34''</p>	<p>A gente tem que continuar lutando né? Para que eles sejam direitos adquiridos e respeitados.”</p>

<p>DF: 21'54''</p> <p>ENTREV_JOANAPASSOS</p> <p>DI: 42'00''</p> <p>DF:</p>	<p>SONORA NATHÁLIA DOTHLIN</p> <p>“Quando eu falo de resistir e de resistência, eu tô pensando no R, entre parênteses, e no existir, na existência depois. E pra mim isso sintetiza muito o que eu entendo por território negro. É o lugar onde o resistir passa pelo existir, pela nossa existência, onde a gente consegue continuar existindo.”</p>
<p>ENTREV_ILKABOAVENTURA</p> <p>DI: 31'40''</p> <p>DF: 33'30''</p>	<p>SONORA JOANA PASSOS</p> <p>“Aqui em Florianópolis, há uma ideia muito forte do açoriano como marca da cidade. Com certeza, tem muitas marcas açorianas na cidade e talvez por isso, que se levou tanto tempo pra reconhecer que há um quilombo aqui na cidade né, há um quilombo urbano que é o Vidal Martins, que é meu vizinho, quilombo urbano.”</p> <p>SONORA ILKA BOAVENTURA</p> <p>“... Essas áreas são as áreas de segurança, onde elas são acolhidas pelas famílias, pelos iguais... São as áreas de, se a gente for pensar historicamente desde os quilombos no Brasil, desde esses espaços de segurança no sentido de serem refúgios, áreas de refúgios, áreas de esconderijos e áreas para onde as pessoas fugiram do regime escravista, a continuidade disso no período pós-abolicionista é essas pessoas recém egressas do processo de escravidão, elas não têm registro de terras, elas não tem educação pra buscar um emprego qualificado, elas não têm carteira</p>

<p>ENTREV_AZANIAMAHIIN</p> <p>DI: 25'34''</p> <p>DF:</p>	<p>assinada, elas não são reconhecidas no mercado de trabalho, elas vão exercer as piores funções, os trabalhos mal remunerados, elas vão sofrer uma precarização social, educacional, no trabalho etc e elas vão se alojar nessas periferias. E essas periferias são espaços que vão se organizar como os quilombos, como espaços de acolhimento.”</p> <p>SONORA AZÂNIA MAHIN</p> <p>“Eu acho que é isso, não dá pra pensar o território quanto só a terra, até porque o território nem é só essa parte física da coisa, realmente é essa relação que o povo tem com o chão, com o lugar. Então tem muito a ver com povo e muito mais do que o povo de quantidade, mas o povo de reconhecimento com algo. Então eu aqui nessa rua, a minha família, tem duas famílias negras e as nossas casas são territórios negros, ainda que nós não sejamos um grande pogo aqui junto, mas todo aqui nessa rua sabe que tem uma família negra que mora aqui né então, territorializamos esse espaço também.”</p>
<p>ENTREV_LUCASDAENI</p> <p>DI:</p> <p>DF:</p>	<p>ENTRA OFF</p>
<p>NTREV_NATHALIADOTHLIN</p> <p>DI: 19'48''</p> <p>DF: 20'40''</p>	<p>Florianópolis é dividida em 12 distritos. O distrito sede, que abriga todos os bairros centrais da ilha e também a parte continental, conseqüentemente, tem o maior contingente populacional da região.</p> <p>Os bairros Monte Cristo (no continente) e Monte Serrat (no Maciço do Morro da Cruz, no centro) tem a maior taxa de população negra da cidade. Mas a territorialidade não está apenas no espaço físico e sim, em nossos próprios corpos e vivências.</p>

<p>ENTREV_LUCAS DAENI</p> <p>DI: 02'20''</p> <p>DF: 03'00''</p> <p>ENTREV_LUCASDAENI</p> <p>DI: 05'20''</p> <p>DF: 05'30''</p> <p>ABERTURA DE BLOCO-----</p> <p>-</p> <p>ENTREV_NATHALIA DOTLIN</p>	<p>SONORA LUCAS DAENI</p> <p>“... dia 02 de fevereiro o Campeche vira um território negro né, com a procissão pra Iemanjá, com a presença da nossa cultura e dos nossos corpos. No carnaval, a cidade inteira, o centro, os bairros viram territórios negro né. [...] É isso né, que onde a gente tiver com os nossos corpos ou onde a nossa cultura se fizer presente, acho que a gente pode chamar de território negro.”</p> <p>SONORA NATHÁLIA DOTHLIN</p> <p>“[...] Eu acho que assim, se for pra pensar inclusive sobre o que é um quilombo, o que são as comunidades quilombolas, eu acho que o território negro é onde pessoas negras se reúnem pra resistir. Pra resistir de todas as maneiras sabe? Pra resistir na maneira co mo usa o seu cabelo, pra se ver de forma positiva, pra continuar vivendo costumes, relações, tanto de parentesco, sociais que são assim dos nossos antepassados e que de alguma maneira isso pode continuar existindo mesmo que toda essa estrutura racista e colonial tenha tentado e continue tentando acabar com a gente e com os nossos modos de vida.”</p> <p>SONORA LUCAS DAENI</p> <p>“E aí felizmente, o que na minha vida foi fundamental, e da minha família também, meus irmãos falam também, mas a educação foi esse estalar de dedos assim, essa ponte entre o não se conhecer e o se descobrir né, o saber quem você é.</p>
---	---

<p>DI: 22'38''</p> <p>DF:</p>	<p>Em Florianópolis isso pega muito porque assim, a gente começa a se questionar porque que me olham tanto dessa forma né? O cara começa a deixar o cabelo crescer, você não consegue sair na rua sem alguém incomodar você. Ou comentar sobre, ou os olhares na universidade, os espaços que o cara tá, enfim, loucuragem.</p> <p>[...] Florianópolis é um... É embaçado. E aí o que me deu uma tranquilidade, uma segurança maior, até uma autoconfiança, uma tranquilidade nesse sentido de estar bem consigo mesmo foi o rap né.”</p>
<p>ENTREV_CAROLMAIER</p> <p>DI: 24'01''</p> <p>DF: 24'42''</p>	<p>Entrada do bloco 03: cultura e pertencimento</p> <p>Não à toa Cruz e Souza e Antonieta de Barros tiveram seus rostos estampados e homenageados em paredes imensas no centro da cidade.</p> <p>O grafite também é uma forma de expressão da arte que liberta e resgata em essência tudo aquilo que somos e almejamos ser em sociedade. As artes falam muito sobre nossas vidas, nossas lutas.</p> <p>Mas não só a arte. A cultura, como modo de vida, de se vestir, de se portar... E Florianópolis tem muito de nós.</p>
<p>ENTREV_JOANAPASSOS</p> <p>DI: 30'48''</p>	<p>SONORA NATHÁLIA DOTHLIN</p> <p>“Não existe nenhum consenso sobre o que é cultura, inclusive a gente já tá num momento que tem alguns autores querendo destruir totalmente o termo cultura. Então assim, bem complexo. Mas eu gosto muito de pensar, se a gente for pensar de uma maneira muito simples, e que eu me lembro que lá no primeiro período das ciências sociais a gente vem com essa ideia já, eles vêm ensinando pra gente né, os professores, de que popularmente, a</p>

<p>DF: 32'15''</p>	<p>gente tem essa ideia de que cultura é só tipo a alta cultura né? Que fulano tem cultura, o outro não tem. E aí eles já vão desmistificando essa ideia, de que todo mundo tem cultura, não tem disso. Tudo que a gente faz, todo modo de vida de cada grupo, pode ser pensado como cultura, entre aspas.”</p>
<p>ENTREV_SEUARI</p> <p>DI: 12'45''</p> <p>DF: 14'00''</p>	<p>SONORA CAROLINE MAIER</p> <p>“Cultura pra mim é, é o conjunto de valores e crenças que são construídos conforme a vida né. E como nós somos pessoas que foram retiradas de seu berço, a cultura é a forma de a gente estar conectado e ter um norte pra gente não fugir da nossa essência que meio que foi perdida.</p> <p>Então eu vejo que a cultura é essencial pra gente estar mais próximo da nossa história porque a gente criou uma nova história e a cultura é uma forma da gente estar conectada a nossa verdadeira história e não a história que é contada hoje por outras pessoas.”</p>
<p>ENTREV_CAROLMAIER</p>	<p>SONORA JOANA PASSOS</p> <p>“Então, em Florianópolis eu sempre frequentei espaços, pra lazer, sempre busquei os espaços negros na cidade. Então eu frequentei muitos anos o vão do mercado público. Às sextas-feiras, o vão do mercado público que não é esse mercado público que a gente tem hoje, era o lugar que os negros se encontravam nas sextas-feiras final da tarde, onde rolavam samba, muita cervejinha, ou então no sábado quando as famílias vinham para o centro né e a mãe, a sogra, a vó, vinha todo mundo, tomava uma cervejinha, um samba e não sei o quê.</p>

<p>DI: 18'22''</p> <p>DF: 18'39''</p>	<p>Entende? Esse era o espaço. [...] Porque esses lugares eu me encontro. Eu encontro com as pessoas que eu gosto, eu encontro com a nossa história, a nossa cultura. Escola de samba, já saí em escola de samba...”</p>
<p>ENTREV_SEUARI</p> <p>DI: 14'12''</p> <p>DF: 15'00''</p>	<p>SONORA ARI</p> <p>“Eu conheci a minha escola que é a escola Copa Lord, amarela, vermelha e branco, tá aqui no meu coração. Eu conheci assim o seguinte, eu era pequeno, meus 12 10 anos, a minha mãe já me levava já pra ver desfile da escola de samba, ensaio de escola de samba porque minha irmã era rainha da escola de samba Copa Lord.</p> <p>Então eu comecei a acostumar de ir, fui crescendo, ficando moço e tal. Depois dos meus 14, 15 anos, eu comecei a participar da escola de samba.</p>
<p>ENTREV_DADAVARELLA</p> <p>DI:</p> <p>DF: 10'50''</p>	<p>Primeira escola de samba que eu saí. Primeira escola de samba que eu saí aqui em Florianópolis foi a Protegidos da Princesa. Naquela época tinha só Copa Lord e Protegidos da Princesa. Eu saí na Protegidos da Princesa, saí com 16 ou 15 anos.</p> <p>Em 1963, eu saí da Protegidos e fui pra Copa Lord”</p>
<p>DI:</p> <p>DF: 11'35''</p> <p>ENTREV_LUCASDAENI_02</p>	<p>SONORA CAROLINE MAIER</p> <p>“Faz 8 anos que estou na Embaixada Copa Lord. Eu sempre gostei do carnaval, mas antes eu só assistia de casa, só participava de bloquinho. Aí em 2012 que realmente eu decidi que ia sair na escola, porque é a escola que minha mãe sempre falava, que ela saiu quando era mais nova.”</p>
<p>DI: 01'40''</p>	<p>SONORA SEU ARI</p>

DF: 02'53''

“Ah dentro da minha escola de samba, eu vou contar primeiro: fui presidente da escola de samba, fui primeiro secretário, fui tesoureiro, fui presidente do conselho deliberativo, fui presidente do conselho fiscal, hoje eu tô na velha guarda. A velha guarda na escola de samba é aquelas pessoas que fez tudo dentro da escola e que hoje tá mais descansado, mais calmo. Então hoje eu tô na minha velha guarda.”

SONORA DÁDA VARELLA

“Eu acho que cultura é tudo aquilo que nasce com a gente e que a gente continua levando pra nossa vida e resgatando outras pessoas praquilo ali que é o que a gente acredita, pra mim. Então o samba pra mim, a cultura do samba pra mim hoje é se chama Dona Evelina, Pérola Negra, que era uma mulher negra de comunidade, mas sabia cantar o amor. O amor que se vivia dentro de comunidade. A cultura, a verdade que nem todo mundo tá preparado pra verdade.

[...] Na minha comunidade tem muitas estrelas.

Muitas flores, pena que o perfume não chega até o asfalto.”

DI: 04'26''

DF: 05'20''

SONORA LUCAS DAENI

“Eu sou professor de redação né, querendo ou não eu acho que já era do campo da educação sem saber então me aguniava o fato de que assim, eu ficava pensando pô, a gente tinha discussões ali na sala, uma vez eu até comentei “a gente aqui professor, a gente tá só falando sobre pobres, mas quem aqui dentro é, efetivamente? Seria tão bom se realmente a população pobre e desfavorecida, essa população de favela que vocês tão falando aí, tivesse aqui

ENTREV_DÁDAVARELLA

DI: 11'35

DF: 11'45''

DI:

DF: 17'20''

ENTREV_SEUARI

dentro pra construir sua própria política pública, pra estudar sua própria realidade, entender sua própria história. Mas infelizmente é o contrário. Essa população tá lá fora trabalhando, dando conta da vida no duro, e tem aqui dentro um monte de gente que tá estudando sobre eles, sem saber da realidade deles pra construir política pública pra eles. Se construir política pública pra eles”.

Então ficava indignado e agoniado, como esse conhecimento todo, essa produção toda de ciência não alcança realmente a favela. Não alcança a classe trabalhadora, não alcança quem vem debaixo, não alcança a população negra. Isso tudo me toca, porque isso tudo sou eu.

[...] E aí coleí pra prestigiar, ali na batalha da costeira, primeira vez que coleí pra prestigiar acho que os mano já achou que eu tinha cara de mc, achei engraçado já chegou em mim falando “e aí mano, quer rimar?” e eu “não mano, eu vim só pra prestigiar mesmo, assistir e tal” e eles “não mano, bota o nome aí” e eu “ta bom, bota aí”. E aí foi isso. Eu até brinquei que tinha aquele comercial do Itáu né, “pão com mortadela, 2,50. Botijão de gás, 150 reais. Fazer o que cê gosta? Não tem preço” aí eu brinquei com isso daí no dia que eu comecei a trabalhar que realmente foi um divisor de águas, foi um “bah meu, é isso aqui, é aqui que eu vou me realizar, é aqui que a gente vai fazer a comunicação, se não tem essa comunicação então é aqui que a gente vai fazer esse link entre a universidade e a comunidade.”

SONORA DÁDA VARELLA

“Então, quem olha o morro, do asfalto pro morro, tem uma visão de marginalidade. E nós que temos a

<p>DI:18'31'' DF: 19'00''</p>	<p>visão do morro pra cidade, temos uma visão de falta de oportunidade. É aí que as coisas não comungam né? A marginalidade com a oportunidade.</p>
<p>ENTREV_CAROLMAIER</p> <p>DI: 19'50'' DF: 20'00''</p>	<p>[...] Eu acho que é importante falar da cultura dentro da comunidade pra que todo mundo que vive dentro da comunidade, quando saia da comunidade pra fazer qualquer coisa, não se esqueça de onde veio. Não se esqueça do que aprendeu, não se esqueça que o protagonista daquela vida é a própria pessoa... Que sozinha nunca caminhará, sabe? É importante a cultura pra ti se reconhecer como pessoa da comunidade. Como importância na comunidade... Essas coisas trazidas de pai pra filho, minha mãe era cantora. Cantora lírica da igreja católica e ela sabia que eu tinha que ir pra umbanda e ela nunca deixou de respeitar isso porque ela sabe que é uma cultura afro-brasileira, e eu nunca deixei de respeitar ela, nas convicções dela quanto a religião dela, sabe?</p>
<p>ENTREV_LUCASDAENI2</p> <p>DI: 13'38'' DF: 13'58''</p>	<p>E eu acredito que isso também faça parte da cultura. A educação dentro da comunidade através da nossa raça, da nossa cor, é muito importante.”</p>
<p>ENTREV_LUCASDAENI1</p> <p>DI: 10'10'' DF: 10'20''</p> <p>DI:</p>	<p>SONORA SEU ARI</p> <p>“A escola de samba? Representa, ah meu deus do céu... É minha paixão. De coração, minha paixão. Eu nunca gostei de baile de carnaval em clube, nunca gostei de bloco na rua, nunca gostei. Agora a escola de samba é minha paixão, até quando Deus me chamar. Só 57 anos estou na minha escola. Espero levar mais de 100 anos.</p>

<p>DF:15'45''</p>	<p>SONORA CAROLINE MAIER</p> <p>“Ah, a escola pra mim é... A Embaixada Copa Lord pra mim é como se fosse uma extensão da minha casa. Então, é o local onde três meses do meu ano é dedicado à minha escola”</p>
<p>DI: 29'04''</p>	
<p>DF: 29'08''</p>	<p>SONORA LUCAS DAENI</p>
<p>ABERTURA DE BLOCO----- -</p>	<p>“Eu me identifico, se o cara, porque tem essa coisa do localismo né, ainda mais nas batalhas. Eu sou cria da Batalha da Costeira né porque foi ali que eu comecei a batalhar, ali que eu tô sempre, ali que eu aprendi a fazer rap, digamos. Mas por exemplo, a da Alfândega, que é a maior da cidade, que é um expoente, todo mundo que rima, todo mundo que batalha quer estar pronto pra batalhar na Alfândega né, então é outro lugar que eu sempre tô também né.</p>
<p>ENTREV_AZANIAMA HIN</p>	
<p>DI: 29'10''</p>	<p>[...] A gente constrói o Sarau da Costeira e é um evento assim, bem comunitário sabe? Bem comunitário, a gente tem uma organização que junta tanto moradores do bairro, quanto estudantes da UFSC, quanto a gente ali MC, MC e poeta das batalhas, então...</p>
<p>DF:</p>	<p>[...] Porque o sarau, qual é a ideia? O sarau surge por que? Porque assim, ele tem a mesma intenção, em essência, da batalha né, que é reunir as pessoas em torno da cultura que é juntar a galera pra curtir um momento de lazer, certo? Só que o que acontece é que a batalha é a noite, a batalha também tem um estigma né? Que a galera tá ali fazendo o quê? Rap!</p>
<p>ENTREV_DADAVARELLA</p>	
<p>DI: 33'46''</p>	<p>Então enxergo cultura dessa forma, como algo que está sempre em construção, mas um campo em disputa né?”</p>
<p>DF: 34'08''</p>	

<p>ENTREV_NATHALIADOTHLIN</p> <p>DI: 37'16''</p> <p>DF: 37'30''</p> <p>ENTREV_JOANAPASSOS</p> <p>DI:27'30''</p> <p>DF: 29'00''</p>	<p>ENTRADA BLOCO 04: Resistência</p> <p>SONORA AZÂNIA MAHIN</p> <p>“Então acho muito massa trabalhos como o seu que jogam mesmo o holofote e responsabilizam essas forças que tentam nos expulsar daqui. Que não são democráticas, que enfim, se esforçam muito pra expulsar o seu cidadão desse território que é nosso por direito. Então combater esse discurso de que somos invisíveis é muito importante pra mim e fico muito feliz de ver que a população negra que vem pra Florianópolis também se sente, assim, de certa maneira responsável de manter essa luta viva.</p> <p>SONORA DÁDA VARELLA</p> <p>“[...] tem coisas que não tem razão de ser. Mas a gente é, porque é um ser humano. E o importante é que eu não quero saber de passado nenhum, é daqui pra frente porque o futuro se constrói do agora pra frente. Se o passado fosse importante não era pra ser citado como passado e nem como lembrança.”</p> <p>SONORA NATHÁLIA DOTHLIN</p> <p>“Acho que é um papel nosso. De trabalhos como o seu, como o de nós pessoas negras que vivenciamos isso lá de ir mudando essa narrativa, de ir trazendo a verdade à tona, de ir trazendo a presença negra nesses lugares.”</p> <p>SONORA JOANA PASSOS</p> <p>“Eu tenho dito e digo com muita alegria, cada vez que eu vou falar “gente, a universidade é outra após</p>
--	--

as ações afirmativas”. Gente, circular pelo campus, encontrando tantos corpos negros, inclusive, tantos corpos trans e travestis, sabe? Me dá a certeza de que nós do movimento negro inauguramos algo pra sociedade como um todo, não fizemos somente pelos negros.

Olhar para os indígenas, que estão ali. Olhar pelas manifestações de amor pelos casais homoafetivos dentro da universidade... Isso, confesso a você, me emociona muito porque fomos nós que abrimos essa possibilidade.

[...] Não há um objeto da pesquisa. A gente é sujeito dela. Quando a gente tá tratando dessas questões, né?”

Lugar de preto

No morro

No asfalto

Nas dunas

No mato

Todo quilômetro

Dessa ilha

Que de magia

Pra alguns,

Só o nome.

Nós somos o elo

Presente

Entre os que estiveram

No passado

Escrevendo a história de nossa gente.

Pintados em vários tons
E apesar de estigmatizados
Ou marginalizados
Nunca
Apagados
Ou reduzidos
Aos números televisionados.

Nossos corpos
Também são
Raízes
Dessa terra
Que nasce
Assim como a gente renasce
Como Fênix
Resilientes
E preparados para escrever
Mais um capítulo
De um futuro
Cada vez mais justo
Receptivo
E bom
Aos ascendentes.

ANEXO A – FICHA DE TCC

Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2021	
ALUNO	Leticia dos Santos Silva	
TÍTULO	Lar – Corpos e Territórios	
ORIENTADOR	Leslie Sedrez Chaves	
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Website	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro reportagem ()	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo; Negritude; Cultura; Estereótipos; Florianópolis.	
RESUMO	<p>Este resumo apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema a presença da população negra em Florianópolis. Pretende-se, a partir de entrevistas apresentadas em formato de documentário em vídeo, discutir questões relativas às relações étnico-raciais com o olhar voltado para a importância da cultura (como modo de vida e expressão artística), dos territórios negros e do sentimento e sensação de pertencimento dessa população em locais específicos a serem apontados e apresentados no desenvolvimento. Também tem como objetivo desmistificar a ideia de senso comum, existente em muitos lugares do Brasil, de que na região sul, em Santa Catarina e, para esse trabalho, especificamente na capital Florianópolis, todos os habitantes têm um fenótipo semelhante ao de povos europeus. Essa afirmação, portanto, passa uma falsa imagem da cidade, desconsidera a diversidade brasileira, e invisibiliza a existência da população negra que reside e resiste na cidade. Sabendo da existência de populações com etnias distintas, neste trabalho procura-se encontrar e apontar espaços da cidade onde há a celebração cultural de pessoas negras que habitam a cidade de Florianópolis.</p>	

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Leticia dos Santos Silva, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16205285, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Lar – Corpos e Territórios” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ovidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 13 de maio de 2021



Documento assinado digitalmente
Leticia dos Santos Silva
Data: 13/05/2021 18:17:56-0300
CPF: 399.084.078-99
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Leticia dos Santos Silva